



ESQUEMA CORPORAL EM INDIVÍDUOS COM SÍNDROME DE DOWN: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA DANÇA

Suellen Furlan

Vanessa Aparecida Vieira Moreira

Graciele Massoli Rodrigues

Escola Superior de Educação Física de Jundiá - Brasil

Resumo: A síndrome de Down é uma anormalidade genética e ocasiona diversas alterações físicas e biológicas que acarretam um atraso no desenvolvimento motor do indivíduo. Os fatores limitantes do quadro sindrômico implicam na restrição de alguns aspectos do desenvolvimento motor e interacional, os quais refletem no esquema corporal do sujeito e na esfera proprioceptiva, sendo, portanto, fator de intervenção profissional no âmbito da estimulação educativa. Diante desse contexto o objetivo dessa pesquisa foi analisar o desenvolvimento do esquema corporal em indivíduos com síndrome de Down através da prática da dança. Utilizamos a pesquisa descritiva qualitativa do tipo revisão bibliográfica e desse modo constatamos que os aspectos que favorecem o desenvolvimento do esquema corporal e as necessidades e limitações dos portadores de síndrome de Down podem ser trabalhados através das características inerentes da prática da dança. Verificamos que diversos autores apontam que a dança instiga a execução dos mais variados movimentos e ainda, o trabalho de repetição o que favorece a autocorreção e uma maior fixação da aprendizagem do movimento. Com ampliação da exploração e opções de movimentos a pessoa com síndrome de Down torna-se apta a reconhecer seu espaço, ritmo, direções e a reconhecer as partes do seu corpo configurando seu corpo no espaço pela estruturação do esquema corporal estimulada. Concluímos que com a dança pode-se focar o trabalho em grupo, a expressão corporal e a exploração dos mais variados movimentos, além de contar com elementos como a música e o ritmo, que favorecem a ludicidade da intervenção e ao mesmo tempo, agucem o seu domínio psicomotor.

Palavras-chave: esquema corporal; síndrome de Down; dança

THE CORPORAL SCHEME IN INDIVIDUALS WITH DOWN SYNDROME: AN ANALYSIS THROUGH DANCE

Abstract: Down syndrome is a genetic abnormality and causes several physical and biological alterations that cause a delay in the individual's motor development. The limiting factors of the syndrome implicate in the restriction of some aspects of the motor and interacional development, which contemplate in the subject's corporal scheme and in the sphere proprioceptive, being, therefore, a factor of professional intervention in the extent of the educational stimulation. In that context the objective of this research was to analyze the development of the corporal scheme in individuals with Down syndrome through the practice of dance. We used the qualitative descriptive research of the type bibliographical revision and in that way we verified that the aspects that favor the development of the corporal scheme and the needs and limitations of the bearers of Down syndrome can be

worked through the inherent characteristics of the practice of dance. We verified that several authors point that dance urges the execution of the most varied movements and still, the repetition work that favors the autocorrection and a larger fixation of the learning of the movement. With enlargement of the exploration and options of movements the person with Down syndrome becomes capable to recognize his/her space, rhythm, directions and to recognize the parts of his/her body configuring his/her body in the space for the structuring of the stimulated corporal scheme. We concluded that with the dance the work can be focused in group, the corporal expression and the exploration of the most varied movements, besides counting with elements as the music and the rhythm, that favor the ludicity of the intervention and at the same time, sharpen his/her psychomotor domain.

Keywords: corporal scheme; Down syndrome; dance

INTRODUÇÃO

Segundo Winnick (2004), a síndrome de Down é uma condição genética associada a retardo mental. A síndrome de Down ocorre devido a uma anormalidade cromossômica, que pode ser de três tipos diferentes. A causa mais comum é a trissomia 21, ou trissomia simples, que se caracteriza pela presença de um cromossomo extra no par 21, disfunção essa que ocorre no momento da divisão celular, representando 95% dos casos. Outra causa é o mosaïcismo, que representa 2% dos casos e ocorre quando um par de cromossomos não se divide durante a divisão celular por meiose e uma célula haplóide fica com 24 cromossomos e a outra com 22. Já a translocação é a causa mais rara. Essa anormalidade cromossômica ocorre quando dois cromossomos crescem juntos, aparentando ser apenas um, mas com o material genético de dois (WINNICK, 2004).

Ainda não se sabe a causa exata que gera uma criança síndrome de Down, mas já se sabe que alguns fatores podem interferir, como a idade avançada da mãe, ou seja, após os 35 anos o risco de gerar um feto com essa anormalidade se torna maior; exposição ao raio x; o uso de certas drogas; problemas hormonais ou imunológicos; espermatozoides e infecções virais específicas; mas não há evidências definitivas que qualquer dessas situações tenham sido responsáveis pelo nascimento de um portador de síndrome de Down.

Dentre as características dos portadores de síndrome de Down, as mais comuns são a baixa estatura, o rosto com um contorno achatado, as pálpebras estreitas e levemente oblíquas, cabelo esparsos e fino, boca pequena e pescoço com aparência larga e grossa (IBIDEM).

Segundo Winnick (2004), 40% deles desenvolvem doenças cardíacas e correm maiores riscos de desenvolver leucemia. Também são comuns problemas no aparelho gastrointestinal, que são ocasionados em decorrência da hipotonia muscular e que podem ser controlados pela alimentação; doenças respiratórias; doenças relacionadas à ortopedia; frouxidão de ligamentos que originam problemas nos pés, joelhos e quadris; instabilidade nas articulações cervicais e comprometimento da articulação coxofemoral; epilepsia; distúrbios visuais; déficits auditivos; disfunção da glândula tireóide e doenças relacionadas ao sistema nervoso central, como a doença de Alzheimer naqueles que vivem mais de 40 anos (PUESCHEL, 2002).

A hipotonia muscular ou tônus muscular diminuído também é muito comum em portadores de síndrome de Down, por isso, seus músculos são mais fracos e flácidos. Também é bastante comum a hiperflexibilidade que é causa freqüente de instabilidade nas articulações do joelho e no tornozelo, e pode ocasionar ainda problemas posturais e atrasos na aquisição de habilidades motoras (PUESCHEL, 2002; WINNICK, 2004).

Outra característica bastante comum nesses indivíduos são as anormalidades esqueléticas, como a instabilidade atlanto-axial, que é a frouxidão dos ligamentos transversos entre o atlas e o eixo, que são as duas primeiras vértebras cervicais (IBIDEM).

Ainda, segundo Castro (2005), esses indivíduos também podem apresentar outros problemas esqueléticos como lordose, cifose, deslocamento do quadril e peito em forma de pomba.

Evidencia-se, ainda, nos portadores de síndrome de Down, maior tempo para engatinhar, sentar-se e andar. Por esse motivo é essencial que se estimule desde muito cedo esses indivíduos, auxiliando-os no desenvolvimento de interesses e habilidades necessários para a realização de atividades físicas.

Alguns exercícios e atividades são contra indicados para os portadores de síndrome de Down, como os exercícios que causam hiperflexão, pois acarretam um desgaste indevido ao corpo, podendo provocar hérnias, deslocamentos distensões ou entorses. As atividades que exijam movimentos bruscos do pescoço também precisam ser evitadas. Contudo, os exercícios devem fortalecer os músculos em torno das articulações de modo a atingir a estabilização. A natação e a ginástica são exercícios interessantes para o condicionamento físico; já as atividades rítmicas e as danças são ótimas estratégias para melhorar a resistência muscular, pois os portadores de síndrome de Down apresentam bom desempenho nessas atividades (CASTRO, 2005).

ESQUEMA CORPORAL

De acordo com Oliver (1995, apud Crippa, 2001, p.23), o esquema corporal refere-se a uma “(...) organização neurológica das diversas áreas do corpo, de acordo com a importância de inervação somática que elas recebem”. Sua formação inicia-se desde o nascimento e conforme Williams (1983, apud Crippa, 2001), ele corresponde a um diagrama construído no cérebro desde o nascimento, que orienta o movimento das partes do corpo, e ainda, de acordo com vários autores, está diretamente relacionado com a personalidade do indivíduo.

Merleau-Ponty (1945, apud Blascovi-Assis, 1991, p. 4-5), “ (...) define o esquema corporal como uma tomada de consciência global do indivíduo no mundo intersensorial, ou ainda uma maneira de expressar que ‘meu corpo está no mundo’”. Segundo Blascovi-Assis (1991, p.5) o esquema corporal também pode ser “(...) considerado como um alongamento entre a atividade psicomotora elementar e as relações do indivíduo com o meio”. Logo, pode-se considerar que é a base fundamental da função de ajustamento e o ponto de partida necessário de qualquer movimento.

Conforme o esquema corporal evolui, surgem níveis mais elevados de desenvolvimento e controle motor, e o esquema passa por um processo contínuo de mudança durante toda a vida (WINNICK, 2004). Desta forma, no início a criança trata seu corpo como um objeto, mas através de estímulos proprioceptores, exteroceptores e cinestésicos, ela armazenará sensações e imagens, reconhecendo que ela é diferente dos outros objetos.

A estruturação do esquema corporal na evolução psicomotora ocorre em três etapas: a fase do corpo vivido, em que a criança identifica e diferencia seu corpo reconhecendo-se como objeto através de experiências motoras vividas; a fase do corpo percebido ou descoberto, considerando as experiências da fase anterior, a criança sofrerá uma evolução no plano da percepção e a fase do corpo representado, que se caracteriza pela estruturação do esquema corporal, ou seja, a criança já é capaz de representar mentalmente seu corpo e de controlar voluntariamente gestos desnecessários, dispondo de uma verdadeira imagem em representação mental de seu corpo (LE BOULCH, 1982, apud BLASCOVI-ASSIS, 1991).

A estimulação da formação psíquica do esquema corporal deve ser uma ação educativa que vise facilitar o desenvolvimento da personalidade da criança, a fim de conduzi-la à autonomia de atitudes, com isso, ela conseguirá viver em harmonia com o meio em que vive. (FRUG, 2001, p.38).

Segundo Crippa (2001, p.24), “(...) quanto maior for a experientiação do indivíduo, tanto motora quanto afetiva, concomitantemente, mais ampliado será o esquema ou diagrama corporal”.

Para alcançar o desenvolvimento da consciência corporal em crianças portadoras de deficiência mental é necessário que elas passem por três etapas: movimentos simples, movimentos combinados e consciência corporal, sendo que os movimentos têm que ser executados gradativa e progressivamente, começando pelos movimentos básicos e simples, passando por movimentos combinados, até os movimentos mais complicados, estimulando a consciência corporal (FRUG, 2001).

Segundo Blascovi-Assis (1991), o esquema corporal sempre é analisado de forma especial nos trabalhos de desenvolvimento psicomotor realizados com portadores de síndrome de Down, já que a estruturação adequada do mesmo conduz a um desenvolvimento satisfatório para as demais habilidades referentes à área da psicomotricidade.

As crianças com Síndrome de Down têm maior dificuldade em nomear o corpo, suas articulações e suas partes, mas conseguem perceber o corpo, mesmo com as diversidades. O importante é que cada criança tenha a possibilidade de troca com outros seres, pois é por intermédio da experiência e dessas trocas que se dá à consciência corporal. O trabalho com a consciência corporal, através da educação motora estimula muito crianças com síndrome de Down, pois contribui para uma melhor qualidade de vida e movimentação (FRUG, 2001).

A educação motora é o ponto principal de um desenvolvimento físico satisfatório, permitindo que a pessoa possa se expressar através de sentimentos e pensamentos, como um corpo completo. Todas as crianças, incluindo as com necessidades especiais também têm direito a educação motora, por isso elas devem ser estimuladas de forma adequada, partindo-se de um princípio básico – a consciência corporal.

DANÇA

Todo ser humano tem a necessidade de expressar-se corporalmente e a dança é uma forma para que o homem expresse suas emoções e sentimentos. Desde a antiguidade ela está presente, tanto nos rituais sagrados, como no divertimento, se tornando, uma forma de comunicação não-verbal, com expressões por meio de gestos e movimentos corporais.

Para Garaudy (1980, p. 9) “a dança é uma das raras atividades humanas em que o homem se encontra totalmente engajado: corpo, espírito e coração. A dança é um esporte, só que completo”. Mas, sobretudo, a dança torna-se

(...) uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do homem onde pode ser considerada como uma linguagem social que permite a transmissão de sentimentos, emoções, de afetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, dos hábitos, da saúde (...) (SOARES, 1982, apud NANNI, 2003, p. 82).

Com a prática da dança, segundo Nanni (2003), podemos nos provir de alguns benefícios, tais como um melhor desenvolvimento da consciência da imagem corporal, o que favorece a construção da auto-imagem, da auto-estima e um auto conhecimento do corpo.

Segundo Fonseca (1995), a dança pode vir a contribuir para o desenvolvimento da percepção corporal dos portadores de síndrome de Down, o que permite um desenvolvimento adequado em relação com o meio, aprofundando as características de dissociação entre o esquema e a imagem corporal desses indivíduos.

A prática da dança pelos portadores de síndrome de Down os beneficia pelos aspectos lúdicos que o movimento, a música ou sons proporcionam, dando oportunidade para a facilitação do movimento, da reabilitação ou reeducação do gesto (CASTRO, 2005).

Para Almeida (1999) a dança seria uma alternativa de vivências corporais que serviria de estímulo às crianças com síndrome de Down, juntamente com a utilização de música e movimentos, que ajudariam na alteração do quadro inicial influenciando nos desempenhos de etapas não conquistadas e evitando novos problemas.

A dança, muitas vezes está ligada aos serviços da fisioterapia ou da terapia ocupacional, mas possui suas próprias características, pois difere das terapias convencionais, levando em conta que é um exercício que se pratica “brincando”, favorecendo a percepção e o contato com o próprio corpo, sendo que a estimulação do esquema corporal é essencial para a descoberta de possibilidades de movimentos ainda não praticados (PERES & GONÇALVES, 2001).

A dança, como movimento e sentimento, procura mostrar que seus praticantes, situados historicamente, buscam mudanças, mostrando suas capacidades e seus sentimentos perante uma sociedade que os olha com um sentimento de pena, diferenciando-os mediante padrões sociais e estéticos (TOLOCKA & VERLENGIA, 2006, p.94).

Para Hanson (1979, apud Castro, 2005), as experiências com a dança educacional dão às crianças oportunidades através de movimentos, de adquirir conceitos como forte, fraco, rápido, lento, para baixo, para cima, ao redor, assim tornando-se aptas a reconhecer partes do seu corpo no meio em que vivem, sendo um estímulo ao seu processo educacional.

Alves, Boeno & Dantas (1999, p. 99), acreditam “que a dança é uma atividade que pode desempenhar um papel relevante na formação de crianças e adolescentes, pois contribui para a melhoria de suas capacidades motoras, afetivas e relacionais e, ao mesmo tempo, amplia as possibilidades de assimilação e produção cultural”.

OBJETIVO

Analisar o desenvolvimento do esquema corporal em indivíduos com síndrome de Down através da prática da dança.

METODOLOGIA

Essa pesquisa se caracteriza por uma pesquisa descritiva qualitativa do tipo revisão bibliográfica. Segundo Lakatos & Marconi (2004), a pesquisa descritiva qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano e fornecendo análise mais detalhada sobre o que é investigado. Para Noronha & Santos (2005, p. 56), o “(...) método qualitativo é direcionado para o âmbito social, com abordagens sociopolíticas, econômicas, culturais e educacionais”.

Há ainda um mínimo de estruturação prévia na pesquisa qualitativa, e não se admitem regras precisas, como problemas, hipóteses e variáveis antecipadas, sendo que as teorias aplicáveis deverão ser empregadas no decorrer da investigação (LAKATOS & MARCONI, 2004).

De acordo com CERVO & BERVIAN (1983), a revisão bibliográfica explica um problema a partir de referências teóricas já publicadas, buscando conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas de um determinado assunto, podendo ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental.

DISCUSSÃO

O corpo está sempre em um contínuo processo de construção, ou seja, sempre há um novo movimento para ser aprendido ou refinado, e essas novas aprendizagens irão enriquecer cada vez mais o esquema corporal, e a dança pode ser utilizada positivamente nesta questão.

A dança pode ser considerada uma das formas de expressão rítmica do corpo e é favorável tanto aos aspectos físicos como aos sociais e psicológicos e permite ao indivíduo que a pratica, o desenvolvimento da consciência corporal, além de ser uma mediadora para o auto-conhecimento (TOLOCKA & VERLENGIA, 2006).

Segundo Nascimento, Santos & Santos (2007, p. 2) o trabalho da dança “(...) possibilita descobertas do próprio corpo, novos movimentos e limites do mesmo, além da melhora da coordenação motora, aspecto importante para o desenvolvimento corporal posterior”. A dança favorece também, a execução dos mais variados movimentos e ainda, o trabalho de repetição, favorecerá a autocorreção e conseqüentemente haverá uma maior fixação da aprendizagem do movimento.

De acordo com Alves, Boeno & Dantas (1999, p.99), “(...) os corpos dançantes são igualmente corpos em permanente construção. São corpos onde os movimentos são possíveis a partir do que se informa e do que se oferece a eles”. E ainda, sobre as técnicas da dança, Alves, Boeno & Dantas (1999, p.100), afirma que elas “(...) são parte da construção corporal, marcam e influenciam não só o modo como os corpos são construídos em sociedade, mas também o modo como estes corpos são representados”. Dessa forma, a leitura da sociedade sobre a pessoa com síndrome de Down também pode ser reconstruída à medida que seus corpos reelaboram suas formas de expressão e conseqüentemente se aproximam das formas socialmente aceitas.

A dança é uma maneira prazerosa de utilizar o corpo para conhecer sentimentos e sensações, expressar e transmitir o estado de espírito, podendo ser de grande valor para a estimulação e desenvolvimento motor do indivíduo portador de alguma deficiência ou não, pois sua prática possibilita a experimentação dos mais variados movimentos, e com isso tende a enriquecer e auxiliar o desenvolvimento do esquema corporal.

Assim como o ser humano não nasce pronto, seu aparelho locomotor também precisará de uma vasta experimentação, para que venha constituir-se numa autêntica “fábrica de gestos”, que por sua vez influenciará o desenvolvimento do aparelho neurológico (BERTAZZO, 2004, apud LUCAREVSKI, SANTOS & SILVA, 2005, p.3).

A estimulação do aparelho locomotor desde cedo é muito importante, principalmente em crianças portadoras de síndrome de Down, devido suas limitações motoras. Se o corpo, e conseqüentemente o esquema corporal, estão sempre em construção, as novas experimentações também devem estar sempre ocorrendo, a fim de oferecer novos estímulos e aprimoramento.

Lapierre & Aucouturier (1985, apud Blascovi-Assis, 1991, p. 11) salientam “(...) que é através das experiências cinestésicas que o indivíduo descobre seu corpo”. Para Vayer (1978, apud Blascovi-Assis, 1991) e Vayer & Picq (1984, apud Blascovi-Assis, 1991), a organização do esquema corporal é composta de aspectos perfeitamente educáveis, tais como a percepção e controle do próprio corpo, o equilíbrio postural, a afirmação da lateralidade, a independência segmentar e o controle psicotônico e respiratório.

Logo, o esquema corporal é construído de forma progressiva, sendo que novos elementos vão sendo acrescentados como conseqüência da maturação e das aprendizagens que vão se realizando (MATTOS & NEIRA, 2003, apud NASCIMENTO, SANTOS & SANTOS, 2007).

De acordo com Blascovi-Assis (1991), o trabalho dirigido ao desenvolvimento do esquema corporal é relevante para qualquer criança, inclusive as portadoras de síndrome de Down e a prática de atividades físicas pode interferir diretamente na

formação do mesmo. Segundo Lane (1985, apud Blascovi-Assis, 1991, p. 3), “(...) o conhecimento do corpo deve fazer parte dos objetivos de um programa de atividades para crianças com síndrome de Down”. Para Blackwell (1979, apud Castro, 2005), a dança natural, ou seja, dança por meio de imagens mentais e improvisação, com opções de movimentos livres de técnicas, torna a criança apta a reconhecer seu espaço, ritmo, direções, e também a reconhecer as partes do seu corpo, sendo muito importante para o processo educacional.

Considerando os aspectos inseridos no contexto da dança, Knill (1983, apud Blascovi-Assis, 1991) em seu estudo aponta que a utilização da música para favorecer a conscientização das partes do corpo, a atenção e a antecipação de movimentos, pode aumentar a concentração e a conscientização corporal.

De acordo com Liano (2001, apud Batistella et. alli, 2002) elementos como a música, o ritmo e o movimento, são ferramentas valiosas no trabalho com deficientes mentais. E ainda, segundo o mesmo autor, “a arte estimula regiões do cérebro que outras técnicas não conseguem alcançar, pois o deficiente não encara as sessões de arte como obrigação ou sofrimento e sim como prazer, resultando em um desenvolvimento mais rápido e contínuo”. (LIANO, 2001, apud BATISTELLA et. alli, 2002, p. 2)

A imitação é outro fator que favorece o desenvolvimento do esquema corporal, assim como sugerem Oaklander (1980, apud Blascovi-Assis, 1991) e Vayer (1971, apud Blascovi-Assis, 1991).

O trabalho com atividades coletivas também poderá beneficiar os portadores de síndrome de Down. Blascovi-Assis & Monteiro (1989, apud Blascovi-Assis, 1991, p. 3-4)

(...) sugerem que crianças com síndrome de Down podem vir a ser beneficiadas por programas de atividades físicas em grupo que enfoquem aspectos apontados como deficitários no desenvolvimento destas crianças, e citam o esquema corporal como um dos objetivos a serem trabalhados.

Vemos que a dança utiliza diferentes faculdades do ser humano, pois desenvolve as relações sociais através do trabalho em grupo, permite um grande desenvolvimento da expressão corporal, da criatividade, da desinibição e do auto-conhecimento, e ainda possibilita a experimentação dos mais variados movimentos corporais.

Ressaltando os aspectos que favorecem o desenvolvimento do esquema corporal, e as propriedades da dança, podemos constatar que a prática da dança pode contribuir de forma significativa na educação do esquema corporal. Assim, se levarmos em consideração todos esses aspectos relevantes ao desenvolvimento do esquema corporal, as necessidades e limitações dos portadores de síndrome de Down e as características inerentes da dança, podemos constatar que a dança tende a contribuir expressivamente no desenvolvimento do esquema corporal desses indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos o desenvolvimento dos diversos aspectos que abarca o esquema corporal pudemos verificar que prática da dança permite explorar recursos e vivências que podem ser consideradas essenciais na educação do esquema corporal, e que se forem potencialmente focados, podem contribuir positivamente nesta questão.

O esquema corporal tem papel fundamental no domínio psicomotor de qualquer indivíduo, pois é ele quem orienta o movimento das partes do corpo. Nos portadores de síndrome de Down deve ser sempre trabalhado de forma enfática, devido a sua importância para o desenvolvimento das demais habilidades motoras, pois algumas dessas pessoas sofrem atraso significativo devido ao quadro sindrômico. Dessa forma, a estimulação motora é imprescindível para o seu desenvolvimento.

Focando a dança como uma das possibilidades de desenvolvimento das potencialidades da pessoa com síndrome de Down, abstraímos que a dança muito tem a contribuir para o desenvolvimento do esquema corporal, pois trabalha aspectos que são indispensáveis a ele, como o trabalho em grupo, a expressão corporal e a exploração dos mais variados movimentos, além de contar com elementos como a música e o ritmo, que podem ainda ser trabalhados de forma lúdica, e isso faz com que os indivíduos praticantes obtenham prazer na realização das propostas, e ao mesmo tempo, estimulem o seu domínio psicomotor.

Vemos que é de extrema importância levar em consideração as individualidades e necessidades dos portadores de síndrome de Down e realizar um trabalho responsável com base em conhecimentos específicos sobre a deficiência para que se possam explorar os elementos maximizadores da dança, a fim de alcançar as potencialidades de cada indivíduo.

Com todos os aspectos ressaltados pela prática da dança e pela importância de se desenvolver o esquema corporal nos portadores de síndrome de Down, concluímos que a inserção dessa atividade nas instituições que participam da educação desses indivíduos pode ser uma importante ferramenta no desenvolvimento global dessas pessoas e uma possibilidade de ampliação dessa prática, que tanto tem a contribuir com os portadores de deficiência, mas que ainda é tão pouco explorada em suas potencialidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, V. A. A dança e a criança Down. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.21, n.2, p.1062-1064, set/1999.

ALVES, M.; BOENO, A.; DANTAS, M. Dança, corpo e representações. **Revista Conexões : educação, esporte, lazer**, Campinas, v.1, n.2, p.97-107, jun/1999.

BATISTELLA, P.A.; KRUG, M. R.; OLIVEIRA, L.; ZANCAN, R. F. Dança e desenvolvimento motor de portadores de necessidades educativas especiais – PNEEs. **Revista Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, n.20, p.89-95, 2002.

BLASCOVI-ASSIS, S. M. **Avaliação do esquema corporal em crianças portadoras da síndrome de Down**. Campinas: Unicamp, 1991 (Tese de Mestrado).

CASTRO, E. M. **Atividade Física Adaptada**. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005.

CERVO A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. São Paulo : McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CRIPPA, A. O. **O corpo e a imagem corporal na dinâmica social**. Jundiaí: ESEF, 2001 (Monografia de Conclusão de Curso).

FERREIRA, E. L. **A Diversidade Corporal por meio da Dança**. Campinas: Papirus, 2006.

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FUX, M. **Dança, Experiência de Vida**. São Paulo: Summus, 1983.

FRUG, C. S. **Educação Motora em Portadores de Deficiência: formação da consciência corporal.** São Paulo: Plexus, 2001.

GARAUDY, R. **Dançar a Vida.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica.** São Paulo : Atlas, 2004.

LE BOULCH, J. **Educação Psicomotora: a psicocinética na idade escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor do nascimento até 6 anos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

LUCAREVSKI, J. A.; SANTOS, J. T.; SILVA, R.M. **Dança na escola: benefícios e contribuições na fase pré-escolar.** Londrina: Unifil, 2005 (Trabalho de Conclusão de Curso).

NANNI, D. **Ensino da dança.** Rio de Janeiro: Shape, 2003.

NASCIMENTO, F. M.; SANTOS, J.C.; SANTOS, E.V. **Brincando de dançar: contribuições da dança na 2ª infância.** Pelotas: ESEF/UFPelotas , 2007 (Trabalho de Conclusão de Curso).

NORONHA, R. T. S.; SANTOS, C. R. **Monografias científicas: TCC, dissertação, teses.** São Paulo : Avercamp, 2005.

PERES, M.; GONÇALVES, C.A. Dança para pessoas com lesão medular: uma experiência de abordagem terapêutica. **Revista Conexões: educação física, esporte, lazer.** Campinas, n.6, p.51-55, dez/2001.

PUESCHEL, S. **Síndrome de Down: Guia para pais e educadores.** Campinas: Papyrus, 2002.

ROCHA, V.M.; RODRIGUES, A.R.A. Avaliação do conhecimento corporal de crianças portadoras de síndrome de Down através do desenho da figura humana. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte,** Florianópolis, v.21, n.2, p.995-1001, set/1999.

TAVARES, M. C. G. C. F. **Imagem Corporal: Conceito e desenvolvimento.** Barueri: Manole, 2003.

TOLOCKA, R. E.; VERLENGIA, R. **Dança e diversidade humana.** Campinas : Papyrus, 2006.

WINNICK, J. P. **Educação Física e esportes adaptados.** Barueri: Manole, 2004.

ZORZATO, A. **Contribuições da dança no desenvolvimento motor na adolescência.** Jundiaí, ESEF, 2004 (Monografia de Conclusão de Curso).

Contatos

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Fone: 3555 2131

Endereço: Avenida Mackenzie, 905 –Tamboré - Barueri - SP, CEP: 06460-130

E-mail: suellenfurlan@hotmail.com

Tramitação

Recebido em: 01/12/07

Aceito em: 13/03/08